Ano III — Lisboa, Novembro de 1947 — N.º 31

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO

NÚMERO AVULSO 1$00

Assinaturas { Anual ..... 12$00 / De 8 números 8$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista (em organização)

COMP. E IMP.: OTTOSGRÁFICA, LIMITADA / CONDE BARÃO, 50 ● REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: TRAV. DE VITORINO DE FREITAS, 9 / AJUDA-LISBOA

Educação e Escotismo

Falar de Educação é tarefa que supera as nossas modestas capacidades, porque é matéria transcendente, de significação profunda e vasto alcance. Já no século XVI, Comenius, o grande precursor da psicologia infantil, advertia: — *Na educação infantil as coisas mínimas não existem. Tudo é importante.* Na hora presente a educação é um dos problemas de maior interesse, capaz de contribuir para a solução de quase todas as questões que afligem a humanidade, pois todas elas no seu âmago revelam uma grande crise, deficiência de educação dos povos. Já em 1918, Baden-Powell, passando em revista a desordem social em que a guerra deixava o mundo, afirmava com segurança: — *A educação — a do carácter sobretudo — surge como a chave do problema.* Hoje, como ontem, a situação é a mesma.

Em assunto de tão grande importância as opiniões divergem quanto ao momento exacto em que a educação deve começar a exercer a sua influência no indivíduo. Julgava-se antigamente que *a educação principiava com a idade escolar;* afirmou-se depois que *devia começar no berço;* vieram mais tarde os cientistas dizer que *se iniciava no seio materno,* e já hoje se declara, com bastante propriedade, que *só educando os pais para a sua grande missão se poderá assegurar uma educação eficiente à criança.*

Ao Escotismo interessam os dois extremos. Toma conta da criança na idade em que ela entra verdadeiramente em contacto com a sociedade —a idade escolar—, acompanha-a até à adolescência, até à juventude, momento de constituir família. Portanto, se o papel do Escotismo pode ser importante na educação do filho, deve ser ainda de maior valor na orientacão do escoteiro para a sua grande responsabilidade de pai, de chefe de família.

Mas estamos falando de educação sem ainda a ter definido. Que será educar?—Há quem afirme que *é transformar,* que *é formar hábitos, ensinar a viver; despertar a máquina humana para a produção de acordo com as suas tendências inatas.* Outros declaram que *é orientar, regular a conduta presente e futura; condicionar intencionalmente as reacções do indivíduo.*

Temos, porém, a interessantíssima definição de Baden-Powell, que nos parece a mais completa de todas as que conhecemos. *Educar é descobrir em cada rapaz e fazer sobressair o que nele há, para fortalecer e desenvolver o que é bom, e excluir o que é mau. Há cinco por cento de bom mesmo no pior carácter, e a tarefa consiste em o descobrir e desenvolver até uma proporção de oitenta ou noventa por cento.*

Este conceito de educação encerra a verdadeira chave de todo o método escotista e sugere uma consagração completa do dirigente, constantemente debruçado sobre a criança, sobre o jovem, convivendo, brincando, trabalhando com ele, para o conhecer bem, perscrutando as suas reacções e o seu comportamento nos jogos, na vida em conjunto com os seus camaradas.

A técnica, essa técnica escotista de que muitos falam como se ela constituísse uma finalidade, não é mais do que a ferramenta de que o Chefe se deve saber servir para *descobrir no rapaz o que nele há de bom e de mau, para desenvolver o bom e excluir o mau.*

Grandiosa missão e como nos sentimos pequenos perante tão elevada tarefa! É certo que a metodologia escotista facilita grandemente o

(Continua na 2.ª página)

COMO NASCEU UM LITERATO

Muitos dos nossos leitores com certeza já leram e apreciaram «A Flecha Negra», «A Ilha do Tesouro», «O Rapto», e outros livros de R. L. Stevenson. Mas, saberão como ele começou a sua carreira literária, qual foi a sua primeira obra? Se não sabem, querem saber?

Stevenson foi sempre doente. Rapazinho pequeno, já a doença o não deixava correr, jogar a bola, saltar o eixo, nada disso: passava a maior parte dos dias em casa, e muitas vezes até na cama. A sua principal distracção consistia em escutar os contos e narrativas da ama' boa, inteligente e carinhosa mulher' que consagrava ao pequeno Luís uma afeição verdadeiramente maternal. Parecia inesgotável o repertório daquela boa ama: contos de fadas, actos de heroísmo, grandes feitos de grandes homens, e eram essas as preferidas do pequeno Luís, histórias da Bíblia.

Um dia, um desses dias de chuva miudinha, frios e desconsoladores, tão frequentes em Edimburgo, o pequeno, sentado na cama, brincava com os soldadinhos de chumbo. Mas os soldados escapavam-se-lhe dos dedos febris, deslizavam nos lençóis e caíam às vezes da cama abaixo. Fatigado, arreliado, o Luís começou a chorar.

A ama tirou-o da cama, embrulhou-o num edredão, e embalou-o nos braços até ele adormecer. Quando despertou, sentia-se muito melhor: estava menos febril e a dor de cabeça tinha abrandado.

A ama contou-lhe então que o tio tinha aberto um concurso entre os sobrinhos e sobrinhas, e prometia um bonito livro ilustrado àquele que escrevesse a melhor *História de Moisés.*

Os olhitos do Luís brilharam de entusiasmo: Moisés era tão seu conhecido! quase tanto como o avô!... «Ah! se eu soubesse escrever, ama!...»

Vendo-o tão entusiasmado, a

(Continua na 2.ª página)

Educação e Escotismo

(Continuação da 1.ª página)

encargo do dirigente. Mas para que tal facilidade obtenha é indispensável que o Chefe conheça bem o Método, que sinta a Doutrina, que o apaixone a Obra. Dirigentes escotistas—Chefes ou Comissários — não se improvisam, não se devem improvisar. Se os não tivermos tanto quanto possível habilitados, escoteiros por convicção, fazendo do cargo um apostolado, nunca será possível educar.

É ainda o Fundador que estabelece as características que o Dirigente deve ter:

«*Deve possuir a alma de um rapaz; é preciso que saiba colocar-se ràpidamente no mesmo plano daqueles de quem se ocupa*».

«*Deve compreender a psicologia das diferentes idades da vida de um rapaz*».

«*Deve ocupar-se de cada um dos seus rapazes individualmente, antes do que da massa*».

«*É preciso, para alcançar os melhores resultados, que desenvolva entre os indivíduos um espírito de cooperação*».

Já alguém disse que o escoteiro se educa por si próprio, é o auto-educador. De facto é assim, mas só depois de ter sido trabalhado pelo Método, inspirado pela Doutrina; sòmente depois de estar impregnado do Ideal. O maior erro do Dirigente será pretender que o rapaz compreenda logo de início todo o significado do Escotismo. O Escotismo é para ser vivido. A criança sente, impressiona-se primeiro e só mais tarde compreende. O escoteiro deve agir, executar as diversas modalidades que o movimento lhe proporciona. Se é *Lobito*, brinca, canta, corre, faz jogos, ouve histórias, presta pequenos serviços, constrói qualquer coisa. Se é *Lobo* (júnior), executa grandes jogos, acampamentos, faz sinalagem, aprende enfermagem, toma iniciativas. Um e outro ignoram, no entanto, que o fim de toda essa actividade é mais alguma coisa do que se recrear. Sòmente é necessário que sintam prazer no trabalho desenvolvido, porque a sua educação se desenvolverá gradualmente sobre a constante *observação* do chefe. Por isso os grupos não devem ter mais do que 32 escoteiros, número máximo de que um dirigente se poderá ocupar eficientemente. E se ao chegar a *Velho-lobo* (sénior), o rapaz for então o auto-educador, é porque o Escotismo o conquistou à medida que a sua personalidade se desenvolvia, é porque a acção educativa lhe vinculou o carácter, desenvolvendo o que era bom, corrigindo o que era mau.

Que cada dirigente se esforce por se preparar, o *melhor possível*, para o bom desempenho do seu cargo. Não esqueçamos um só momento que a tarefa de chefe de um grupo de escoteiros é demasiado importante para ser desempenhada de ânimo leve. *Na educação infantil as coisas mínimas não existem. Tudo é importante.*

XIV Aniversário do Grupo n.º 53

Não foi sem vencer muitas dificuldades que o 53 consegue contar mais um ano de existência, pois comemora no próximo dia 1 de Dezembro, o 14.º aniversário.

Existir é fácil, basta que tenha nascido, mas viver é difícil, porque precisa fazer-se por tal, só se conseguindo à custa de muito trabalho, dissabores e perseverança. Podemos afirmar, visto que o vimos nascer e temo-lo acompanhado em todos os seus transes, que o 53 vive, embora não seja com a vitalidade que seria para desejar e que o Movimento Escotista tanto carece. Justiça seja feita, deve a sua vida à força inesgotável dos bons amigos que o amparam e aos fortes alicerces com que foi construído. Só assim, consegue caminhar nas directrizes traçadas por Baden-Powell, firme no propósito de servir o Escotismo, o melhor que pode.

No desejo de pôr em prática o 3.º Artigo da Lei, organizámos um programa, como segue:

Domingo, Dia 1—às 11 horas: Culto de Acção de Graças no Templo da nossa Igreja;

Às 16 horas: Sessão Solene e inauguração duma Exposição de Fotografias da Vida e Actividades do Grupo.

Quarta-feira, Dia 4—às 21 horas: Encontro de pingue-pongue, entre Grupos.

Sábado, Dia 7—às 21 horas: Festa, com a representação da peça escotista «Os dois Juramentos» e alguns diálogos.

Domingo, Dia 8—às 8 horas: Encontro de Voleibol intergrupos, no campo do Ateneu Comercial de Lisboa;

Às 13 horas: Distribuição de um almoço a 25 velhinhos pobres.

Às 16 horas: Lanche e distribuição de roupas a crianças protegidas por este Grupo.

A. LINO

COMO NASCEU UM LITERATO

(Continuação da 1.ª página)

ama propôs-lhe escrever ela fielmente o que ele ditasse. E assim, passaram o resto da tarde: o Luís ditando e a ama escrevendo e deixando, segundo as indicações do autor, espaços em branco para os desenhos que ele fez uns dias depois quando já se sentia melhor. Essa *obra literária* entrou no concurso e agradou tanto que o seu autor foi premiado com um livro de histórias da Bíblia, ilustrado com muitas e bonitas gravuras, e na primeira página artisticamente caligrafado o nome «ROBERT LOUIS STEVENSON».

Que alegria e que honra! Talvez nenhum dos muitos livros, em prosa e verso, que mais tarde escreveu, desse tanta satisfação ao autor como a «História de Moisés» que Stevenson ditou à sua carinhosa ama naquela tarde fria e húmida, lá no seu quartinho de Edimburgo.

Do «*Raio de Sol*»

Ecos do "Jamboree,,

O nosso estimado irmão-escoteiro, médico do C. N. E., Dr. Cabral Adão, que connosco esteve no «Jamboree», decalcando uma carta enviada a um dos seus amigos estrangeiros *conquistado* no *Jam*, escreve no nosso colega «*Ecos de Belém*»:

«... *Se as coisas se tivessem proporcionado, nós podíamos ter feito um papelão perante os representantes da mocidade de todo o mundo, creia no que lhe digo!*

Calcule o efeito se aparecessem vinte ou trinta dos nossos vestidos de campinos, e alguns a bater o valente fadango!... Era o fim do mundo!... E uns algarvios a tocar o corridinho nos fiarmónios?! E se levássemos uns tantos a «paulitar» como os paulitéiros de Miranda?! Em Bragança há pessoal escuta que se encarregaria dessa apresentação...».

E no Algarve, acrescentaremos nós, há rapaziada capaz de tocar e cantar os *corridinhos* com toda a alma algarvia.

Portugal poderia ter tido um papel de destaque no «Jamboree». Nós já em 1 de Fevereiro passado aqui o dizíamos e revelámos a necessidade de enviar a França escoteiros com capacidade para apresentar ali «*um pouco de Portugal, da sua arte, da sua música, das suas canções, do seu folclore*».

É verdade! Podemos dizer como o Sr. Dr. Cabral Adão: *Tudo se podia conseguir se...*



FARO

Em 5 de Outubro último, inaugurou-se em Faro o Grupo n.º 157 do Corpo Nacional de Escutas, cuja sede foi inaugurada pelo Sr. Governador Civil de Faro, tendo-se efectuado uma sessão solene presidida pelo Sr. Presidente da Câmara Municipal da mesma cidade.

O Grupo n.º 6 de Olhão da A. E. P., fez-se representar nas cerimónias com uma delegação dos seus membros.

Dos Amigos do "Sempre Pronto,,

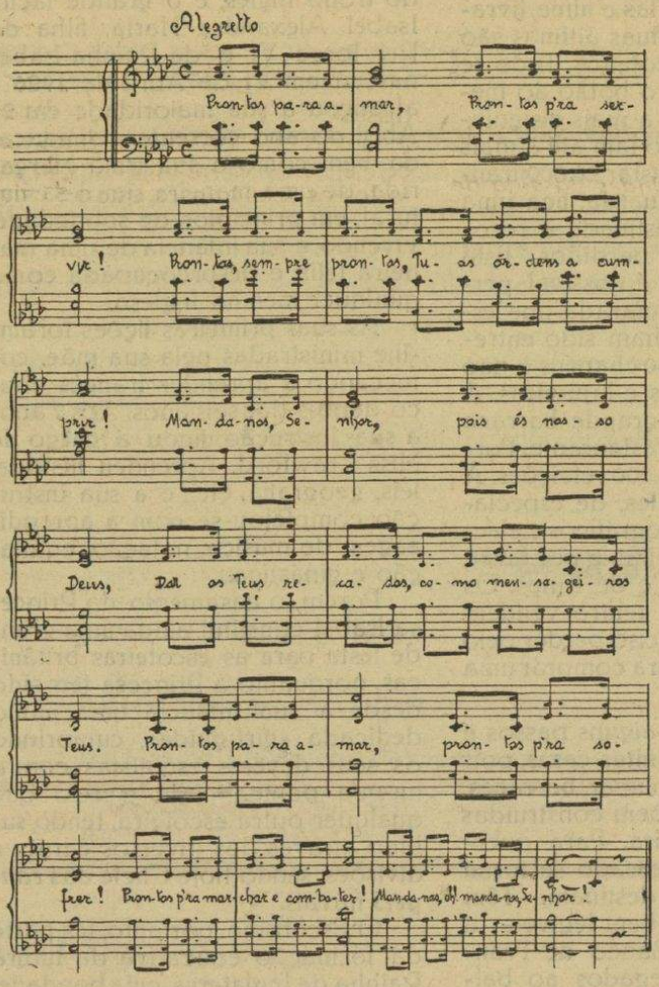
De luto—Em 15 de Outubro último, faleceu a Sr.ª D. Beatriz de Lima Moreira, irmã do Rev. Sr. Eduardo Moreira, antigo dirigente escotista e Secretário Geral da A. E. P., e tia da Sr.ª D. Maria Elisama Moreira, e dos nossos estimados assinantes Srs. Gustavo e Dr. Ernesto Moreira, a quem o «*Sempre Pronto*» envia as suas sentidas condolências.

Prontidão do Escoteiro

Letra: Rev. Pinto Ribeiro **Música: Dr. Leopoldo de Figueiredo**

«Admoesta-os a que... estejam prontos para toda a boa obra».

Tito, III: 1.



Prontos para amar, prontos p'ra servir!
Prontos, sempre prontos, Tuas ordens a cumprir!
Manda-nos, Senhor, pois és nosso Deus,
Dar os Teus recados, como mensageiros Teus.
Prontos para amar, prontos p'ra sofrer!
Prontos p'ra marchar e combater!
Manda-nos, oh! manda-nos, Senhor!

Firmes e leais faze-nos, Senhor:
Faze-nos bem ricos em poder e fé e amor.
Faze-nos fiéis, como filhos Teus:
Seja o nosso gozo bem servir-Te e amar-Te, ó Deus.
Eis-nos prontos, Pai, para Te servir;
Prontos Tuas ordens a cumprir.
Manda-nos, oh! manda-nos, Senhor!

Música e letra dedicadas ao Grupo de Escoteiros N.º 53, anexo à Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo, Lisboa.

Campanha para mais 500 assinaturas

Tivemos o prazer de registar mais as seguintes assinaturas:

Srs. António Francisco G. Correia, João Américo Menau, António Cerejas Torres, Henrique Ribeiro Teixeira, Artur Aldes Guide, Manuel de Carvalho, Caravana Portuguesa de Campismo, Grupo Excursionista do Ribatejo, Núcleo Campista «Os Amantes do Luar» e Secção Campista do Ateneu Comercial de Lisboa.

Estas assinaturas adicionadas às 154 anteriores perfazem 165. Precisamos de alcançar bem depressa as 500 novas assinaturas. Quem nos ajuda?!

Envia-nos, caro amigo, um só novo assinante e já nos aiudarás bastante.

Concurso das figuras e factos da História de Portugal

VII

As tropas portuguesas avançavam penosamente através dos areais imensos. O calor tórrido que o Sol fazia dardejar sobre os soldados, vinha-lhes aumentar a sede, que principiava a atormentá-los. As contínuas sortidas dos sarracenos, também vinham agravar as dificuldades que o nosso exército estava a enfrentar, de maneira que a expedição tinha perdido quase todas as possibilidades de êxito. Os conselheiros não se escusavam de apresentar ao rei os inconvenientes de se continuar a marcha. Mas o monarca não queria ouvir os judiciosos conselhos dos mais velhos. Sentia em si uma sede de combater e já nada conseguia afastá-lo dos seus propósitos.

Chegavam informes sobre o valor do exército inimigo, que dispunha de forças numerosas. Cavaleiros mouros atacavam a retaguarda das forças portuguesas, matando sem piedade as praças que caíam prostradas pelo calor e pela fadiga.

A água começava a escassear. Foi necessário ao exército lusitano dirigir-se a um rio, onde os soldados se dessedentaram. Mas o facto de o acesso ao rio se achar desimpedido, causou justas apreensões aos generais, que receavam ciladas do inimigo. No entanto, o jovem rei português explicava todos estes acontecimentos com o medo que os sarracenos, pensava ele, lhe tinham.

Apesar de os acontecimentos aconselharem o rei português a esperar o ataque do inimigo, ele não se convencia com esta decisão, porque julgava isso humilhante. A falta de mantimentos que já se fazia sentir no acampamento, decidiu finalmente o rei a atacar na primeira ocasião. Esta chegou, quando um capitão veio desvairado junto do monarca e lhe disse que a batalha se travaria quanto antes ou então tudo estaria perdido. O soberano mandou logo fazer os últimos preparativos. E a refrega começou.

* * *

Ao princípio tudo parecia indicar que os portugueses obteriam uma estrondosa vitória. A cavalaria portuguesa, tendo atacado impetuosamente as fileiras inimigas, fez com que estas recuassem desorganizadas. Parecia que a vitória, contra todos os vaticínios, não poderia deixar de pertencer aos portugueses. Mas isto não passou de uma negaça, que mais amargo viria tornar o travo da derrota. E o que a seguir aconteceu, é-nos contado por Rebelo da Silva, nos seguintes termos:

«No meio da impetuosidade e do júbilo com que os soldados católicos, quase certos da vitória, corriam sobre os infiéis, desbaratando-os, a voz de Pedro Lopes, que servia de capitão do terço, mudou em um instante o aspecto da batalha.

«Parecendo-lhe que os seus se entranhavam demais pelas fileiras contrárias, deteve-os mal advertido, quando devia estimulá-los, e com grito de retirar, lançado sem reflexão, converteu em revés o que já se ia declarando sucesso confirmado.

«Outra voz, que nunca se soube de quem partira, suspendia quase ao mesmo tempo no meio do triunfo os ginetes de el-rei e do duque de Aveiro, na ocasião em que os canhões dos mouros mal se defendiam dos assaltos da infantaria.

«Foi onde tudo começou a perder-se».

* * *

Depois foi o fim. As hordas marroquinas envolviam o nosso exército por todos os lados. O número dos portugueses, era cada vez mais diminuto. O rei português, vendo tudo perdido, fincou as esporas no seu corcel, e, a fim de vender cara a vida, desapareceu para sempre no meio das lança inimigas.

a) *Que episódio se descreveu neste trecho da nossa História?*
b) *Quem era o rei português que comandava esta expedição?*

(Para responder, preencher o cupão que se encontra no suplemento junto).

Intercâmbio Epistolar

Alguns antigos escoteiros espanhóis, tem-nos escrito, solicitando-nos intercâmbio de correspondência com escoteiros portugueses.

A seguir damos a nota de todos esses pedidos e chamamos a atenção de todos os nossos leitores para eles:

Enrique Genovés Guillem — Joaquim Maria Lopez, 17 — Madrid.
Deseja corresponder-se com escoteiros de qualquer nacionalidade sobre temas escotistas, fotografias, literatura e publicações escotistas. A correspondência pode ser em espanhol ou esperanto ou ainda em português.

Aureliano Garrido Joya—Gran Via, 27 (portería)—Granada.
Pede correspondência com escoteiro ou escoteira portugueses, em português ou espanhol.

Juan Vilar—Montseny, 35—Barcelona.
Solicita intercâmbio de correspondência, com rapaz ou menina portugueses, em português, espanhol, francês ou catalão.

José Palou Casals—Sanidad Militar, 4 — Vilafranca del Penedes — Barcelona.
Deseja corresponder-se com escoteiro ou escoteira portugueses, em português, com respostas em espanhol.

O que vimos no "Jamboree,,

Satisfazendo o desejo de uma parte dos nossos leitores completamos hoje os relatos que temos feito do «Jamboree» com um excerto da palestra que o nosso amigo e colaborador Sr. Armando Lino, Chefe do Grupo 53, fez no passado dia 14 de Outubro na Igreja Evangélica Lusitana de S. Paulo.

Agora, se me derem licença, vou acompanhá-los numa breve visita, ao grande acompamento no bosque de Moisson. Prometo explicar-lhes, o melhor possível, tudo quanto souber.–Embora fossem precisos alguns dias para que pudésseis observar todo o acampamento, como o vamos fazer em espírito, bastam apenas alguns minutos. Estamos num plano superior, distanciados meio quilómetro, ou seja na estrada que vem de Paris. Divisam-se as barracas mais altas, alguns pavilhões, mastros e muito bem o pavilhão onde está desfraldada a bandeira do «Jamboree», azul com a flor de lis no meio.

Sigamos. Aquela taboleta com a palavra «Jamboree» indica aos visitantes a direcção porque devem entrar. Chegámos à entrada principal. Aquele globo que mede noventa metros de circunferência representa o mundo. Tem desenhado uns pequenos círculos indicando as nações onde se têm realizado Jamborees. Desta praça que mede cerca de 400 m. de diâmetro, partem os auto-carros que fazem o transporte de passageiros de e para a estação de Rosny, que por sua vez liga com Paris que fica distante 70 quilómetros. Aquelas barracas são para venda de bilhetes e recolha de volumes dos visitantes.

Como aqui não temos mais para ver, sigamos pela avenida em frente. É construída com granito solto: naturalmente não tiveram tempo de alcatroá-la. Como vêem tem um comprimento enorme, talvez uns mil e quinhentos metros.

Dentro daquela vedação à esquerda, fica o Quartel General, campo de imprensa e da rádio, mas caminhemos porque depois veremos melhor quando passarmos pela frente e até entrarmos. Acolá, à direita, aquela grande tenda, é o circo. Funciona desde as 16 horas até à meia noite. Tem uma lotação para 800 espectadores. Encontramo-nos na praça principal, chamada Praça das Nações. Em frente ficam as tribunas e bancadas. Aquelas duas cabinas são uma do quadro eléctrico e ligação dos auto-falantes e outra de arrecadação de bandeiras.—Para poderdes apreciar o tamanho da praça, posso compará-la com a distância que vai de Santos ao Cais do Sodré e de Santos à Rocha, respectivamente comprimento e largura.—Atravessamos. Do outro lado fica a feira principal, com um comprimento igual à largura da praça. Do lado esquerdo barracas de lapiseiras, películas e filme, livraria escotista, e as duas últimas são de artigos para escoteiros. Tudo se vende aqui, desde o botão ao melhor bornal, desde a mais insignificante lembrança do Jam até à mais valiosa que pode custar 20.000 francos. À nossa retaguarda, fica uma grande barraca destinada à recolha dos objectos perdidos. Está cheia de tudo que é possível perder. Disse-me o camarada que estava lá, que já tinham sido entregues 200 carteiras, 60 chapéus e não sei quantas canetas e lapiseiras. À nossa direita, esta grande barraca de madeira, é um restaurante. Fornece diàriamente 4.000 refeições. A seguir as de sorvetes, de especiarias, de objectos fotográficos e eléctricos, de roupas feitas e por fazer, de quinquilharias e de frutas. Os dois quiosques ao centro vendem refrigerantes. É preciso perder pelo menos uma hora para comprar uma gasosa.

Andamos mais alguns passos e que vemos? Três bonitas casas, pois já não podemos chamar barracas, porque são muito bem construídas com fibra e madeira. Para quem está a visitar, dispensado se torna indicar a que se destinam. Têm inscrito com letras bem legíveis: a primeira, filial do Banco de França; tem oito empregados ao balcão.—Nos primeiros dias foram feitas operações cambiais no montante de muitos milhares de francos. —A segunda, é o escritório de transportes onde são prestadas todas as informações sobre formas de transporte e visitas e adquirem-se bilhetes para caminhos de ferro, camionetas e hotéis para qualquer ponto da França, e fazem-se também todas as modalidades de seguro. O terceiro é a central telefónica, telegráfica e postal. Daqui podemos falar ou telegrafar para toda a parte do mundo. Por trás, ficam duas barracas, destinadas à recepção e expedição de encomendas.

Como temos que caminhar 10 quilómetros, pois é a extensão da avenida que circunda o acampamento das delegações, podemos parar aqui uns momentos para apreciar o campo dos checoslovacos, que é de facto original.

Como vedes, as tendas são guarnecidas com madeira até à altura de meio metro do solo, por dentro têm também um estrado para resguardar da humidade.

(Conclui no próximo número)

O casamento da Princesa Isabel

Na corte inglesa dá-se este mês um acontecimento que consegue despertar a atenção de uma grande parte do mundo. O casamento da Princesa Isabel, herdeira presuntiva do trono inglês, é o grande facto. Isabel Alexandra Maria, filha do Rei Jorge VI e da Rainha Isabel, nasceu em 21 de Abril de 1926 e alcançou a sua maioridade em 21 Abril do ano corrente. Foi educada, bem como a sua irmã Margarida, de uma maneira simples e natural, em princípios de sobriedade, vivendo a sua infância de uma maneira feliz e despreocupada como qualquer menina inglesa.

As suas primeiras lições foram-lhe ministradas pela sua mãe, começando a aprender francês pouco depois dos seis anos. Aos 7 anos a sua instrução ficou a cargo de Miss Crawford. Aprendeu história, leis, geografia, etc., e a sua instrução completou-se com a aprendizagem de música, natação, equitação e ginástica.

Porém, o casamento da Princesa Isabel constitui ainda uma grande festa para as escoteiras britânicas, porquanto a Princesa tem sido desde a sua infância uma muito dedicada «girl-guide», cumprindo os seus deveres escotistas com a mesma pontualidade e zelo que qualquer outra escoteira, tendo subido através dos diversos cargos e divisões, sendo hoje Chefe das *rangers* navais.

O Escotismo, portanto, fez parte da formação educativa da futura Rainha de Inglaterra, cuja bondade, inteligência e carinho inspiram já confiança ao povo britânico.

O «*Sempre Pronto*» ergue a sua modesta voz para ambicionar uma vida feliz à Princesa Isabel e a seu noivo, pedindo a Deus que muito a abençoe no pesado encargo de governante que amanhã terá de assumir.

ENTRONCAMENTO

GRUPO N.º 84

Visita Este Grupo teve recentemente o prazer de receber a visita do Sub-chefe do Grupo 5 de Lisboa.

Casamento Em 26 de Outubro realizou-se em Santarém o casamento do nosso irmão-escoteiro Manuel Diogo com a Sr.ª D. Alice Mota Arroteia. Desejamos muitas felicidades aos noivos.—C.

Alguém vos ofereceu um puro "havanc„ ?
(Impuro é que ele é!... Mostrai-lhe o engano!)
Informam-vos que o fumo é distracção?
Pois é tracção do vício, é condução!
Dizem que sois de gostos soberanos?
Dizei que os vícios são cruéis tiranos!
Deveis ser homens... todo o mundo exclama!
Mas é ser homem, chafurdar na lama ?!

EDUARDO MOREIRA

O CONCURSO DE 1947

SUPLEMENTO AO «SEMPRE PRONTO»

Redacção e Administração: Trav. de Vitorino de Freitas n.º 9—Ajuda

LISBOA

FIGURAS E FACTOS DA HISTÓRIA DE PORTUGAL

O *«Sempre Pronto»* oferece aos seus leitores um interessante Concurso, pelo qual se fará uma rápida digressão pela História Pátria. Não deixe, pois, de concorrer, habilitando-se aos prémios valiosos que serão sorteados entre todos os concorrentes que tenham acertado com todas as soluções.

Para concorrer basta responder às perguntas feitas em cada número utilizando o verbete inserto neste suplemento, que deve ser enviado à Redacção dentro de 60 dias após a publicação.

Os concorrentes podem indicar o número do Grupo da sua simpatia ou a que pertençam, que ficará assim habilitado aos prémios colectivos que serão atribuídos àqueles que tiverem maior número de concorrentes e pelo menos 10.

O Concurso termina no fim da ano corrente.

PRÉMIOS

COLECTIVOS

1.º PRÉMIO—CASA «STADIUM»

1 bola de voleibol oferta da reputada Casa «Stadium» fornecedora de todos os artigos para Desportos. Rua da Madalena, 182-A.—Lisboa.

2.º PRÉMIO—«SPRIL»

1 jogo Monopólio, oferecido pela reputada Casa «SPRIL» da Rua do Loreto, 34, 2.º, em Lisboa, fornecedora de todos os artigos desportivos e de jogos.

3.º PRÉMIO—«CASA DO DESPORTO»

1 raqueta e 6 bolas para ténis de mesa. Oferta do estabelecimento da Rua da Madalena, n.º 196, em Lisboa, fornecedora de artigos para Desporto.

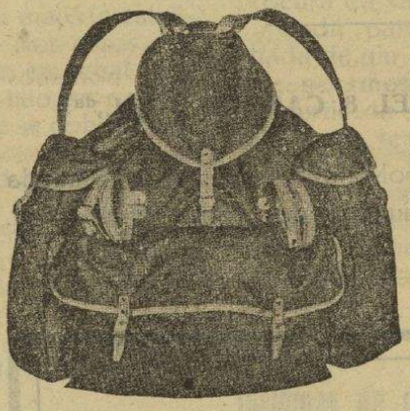
4.º PRÉMIO «CASA SENA»

1 balde de lona para água oferecido pela conhecida casa de artigos desportivos e de campismo «Sena». Rua Nova do Almada, 48 a 52—Lisboa.

5.º PRÉMIO — Um exemplar da obra «Guia do Escoteiro» de Velho Lobo, oferta do nosso amigo e antigo escoteiro Sr. Fernando Pesca.

INDIVIDUAIS

Prémio "VIEIRA CAMPOS„



Um óptimo saco alpino com armação, fabrico esmerado da importante casa de artigos de campismo «Vieira Campos» Rua da Prata, 215 e 217, em Lisboa.

PRÉMIO «CASA PEYROTEO»

Uma linda estatueta de bronze, com base de mármore, de um cavaleiro lançando o dardo. Oferta da conceituada casa de artigos para Desporto e jogos «Peyroteo», Rua Nova do Almada, n.º 51—Lisboa.

2 PRÉMIOS «ANTERO LOPES, L.DA»

2 facas de mato suecas, oferta da Casa Antero Lopes, L.da, fornecedora conceituada de artigos para caça e campo, Rua de Eugénio dos Santos, n.º 31, em Lisboa.

PRÉMIO «VITORINO DE SOUSA»

1 cantil de esmalte, oferecido pelo estabelecimento de correeiro e artigos para campismo, da Rua dos Correeiros, n.º 200 e 202, em Lisboa.

PRÉMIO «PAPELARIA DA MODA»

Uma faca para cortar papel e um marcador para livros, com artística gravação, oferta da importante Papelaria da Moda—Rua Áurea, 169—Lisboa.

PRÉMIOS «EDITORIAL MINERVA»

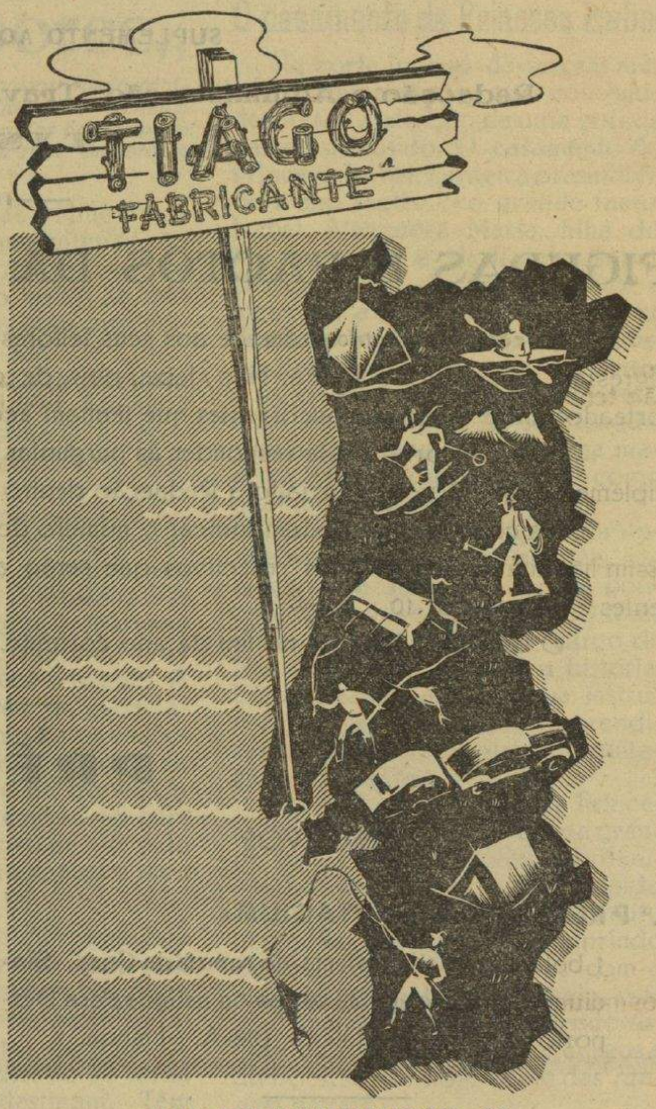
Cinco exemplares da obra «Guia do Campista», de Chaves Mendes. O mais completo manual de campismo publicado em Portugal. Rua de Luz Soriano, 33—Lisboa.

PRÉMIO «BERTRAND»

A obra de Júlio Dinis «Uma Família Inglesa», em dois volumes ilustrados, oferta da Livraria Bertrand, da Rua de Garrett, 74—Lisboa.

PRÉMIO «PIMENTEL & CASQUILHO, L.da»

1 bússola de bolso, oferta desta conceituada casa. Rua de Eugénio dos Santos, 75—Lisboa.



RUA DO BENFORMOSO, 37
LISBOA TELEF. 31318

Á venda na nossa Redacção

Estatutos da Associação dos Escoteiros de Portugal

Em papel especial, 8 páginas, ao preço de, cada exemplar, Esc. 1$00.

O Escotismo e a Formação Cívica

De Charley del Marmol

Um opúsculo de 12 páginas, prefaciado pelo Tradutor.

1 exemplar	Esc.	1$00
1 dúzia....	»	10$00
1 cento....	»	60$00

Estampa com a fotografia de Baden-Powell 1$00

Pedidos à Redacção

CONCURSO DE 1947

Figuras e Factos da História de Portugal

Reposta ao episódio N.º .....

a) .....

.....

b) .....

.....

.....

Nome do concorrente .....

.....

Morada .....

.....

Localidade .....

Grupo n.º .....

Assinatura

.....

Recorte, preencha e remeta à Redacção do «Sempre Pronto».

✱ ✱ SECÇÃO TÉCNICA ✱ ✱

O Campismo e a Pesca

Todo o escoteiro deve saber pescar para conseguir alimento. Um indivíduo que morre de fome nas margens dum rio cheio de peixes, deve ser muito pobre de espírito. Entretanto, pode suceder isto a quem não tenha aprendido a pescar.

A pesca dá ocasião para pôr em prática muitos dos conhecimentos do escoteiro, especialmente se se pesca com moscas. Para ter êxito é preciso conhecer os costumes dos peixes, que classe de esconderijos frequentam e quando se alimentam (com tempo bom ou mau) e a que horas do dia; que alimento gostam mais e a que distância pode o peixe ver o que o persegue. Sem saber isto passareis dias inteiros pescando sem puxar nunca algum peixe.

O peixe tem geralmente a sua guarida favorita nalguma paragem de um arroio, e alguma vez que o tenhais descoberto podereis acercar-vos a observar, com as devidas precauções, tudo o que ele faz.

Em seguida, deveis saber fazer nós muito especiais com delicados cordéis, o que é um pouco difícil para o rapaz cujos dedos sejam pouco ligeiros.

E deveis ter uma paciência infinita. A linha enreda-se nos arbustos e canas ou nos fatos, quando não se enreda em si mesmo, fazendo nós.

É inútil aborrecer-se por isto. Só há duas coisas a fazer: a primeira, é sorrir, e a segunda, começar a trabalhar com muito sossego, para desenredar. E ocorrem muitos fiascos, os peixes se escapam por entre as malhas cortadas, etc., porém não há que esquecer que isso sucede a toda a gente quando se dedica a pescar e são dificuldades que, uma vez vencidas, fazem da pesca um grande prazer.

E quando tiverdes pescado algum peixe conservai só aquele que necessitais para alimento ou para museu. Os demais devolvei-os à água, tão pronto como os pescais.

A picadura do anzol no focinho não os fere demasiado e eles ficam felizes em voltar à água outra vez.

Se se usa mosca seca, mantém-se à flor da água em vez de submergida. Tem-se realmente de procurar o peixe com as mesmas precauções que a um veado ou outro animal, pois as trutas são muito perspicazes e tímidas. Também se pode pescar por meio de uma rede.

Um escoteiro necessita conhecer toda a sorte de animais, por um lado, pelo desejo de saber e por outro, porque podem servir-lhe de alimento.

Do «*Guia del Scout*», transcrito do «*Boletin Scoutivo*», Chile.

■

Primeiros socorros

(Continuação do n.º 30)

O Corpo Humano

Membros superiores — Cada membro superior compreende o braço, formado pelo úmero; o antebraço, formado pelo cúbito e o rádio; a mão formada pelo carpo, o metacarpo e as falanges.

Membros inferiores — Cada membro inferior compõe-se do fémur, o osso da coxa; dos dois ossos da perna, a tíbia e o perónio; e do pé que é formado pelo tarso, metatarso e das falanges.

Composição dos ossos — São compostos de uma matéria animal ou orgânica e outra matéria calcárea ou inorgânica. Nos ossos dos jovens se encontram em igual proporção. Os ossos não se partem tão fàcilmente, antes se dobram como um talo verde.

Nos ossos dos adultos a proporção seria uma parte de matéria animal e duas de matéria calcárea.

Nos anciãos a proporção desceria a uma parte de matéria orgânica e sete de matéria inorgânica; os ossos tornam-se frágeis, quebrando-se com facilidade e soldam com dificuldade.

Articulações

As articulações dividem-se em:

Fixas ou sinartroses — As do crânio.

Móveis ou diartroses — Por meio de uma extremidade esférica e uma cavidade (articulação do ombro e da anca), por meio de uma bisagra (cotovelo e joelho). Por deslizamento (pulso e tornozelo).

Semimóveis ou anfiartroses — A coluna vertebral.

Os ossos estão unidos entre si por bandas fibrosas ou ligações que os impedem de sair de seu lugar e os mantêm em contacto e envolvidos por membranas sinoviales que formam em volta das articulações cápsulas hermèticamente fechadas e que segregam um líquido, a *sinovia*, que serve para lubrificar as articulações e permitir os seus movimentos.

As extremidades articulares estão cobertas de uma substância lisa, flexível e elástica, a cartilagem.

Os Músculos

Os músculos são os órgãos do movimento. — Têm a propriedade de se contrair e, por conseguinte, mover os ossos a que se encontram ligados por meio dos tendões.

Existem duas classes de músculos:

Voluntários—Que funcionam sobre o poder da vontade, como os das pernas, braços, pescoço, face, peito e abdómen.

Involuntários—São os que se encontram nos órgãos internos: coração, estômago, bexiga e intestinos, não estando debaixo da acção da vontade.

Transcrito de "*El Scout Argentino*"

A seguir: O Sistema Nervoso.

■

Jogos

A Aranha e a Mosca

Escolhe-se e demarca-se uma extensão de terreno, que tanto pode ser na cidade como no campo. onde se efectuará o jogo e é a TEIA, Uma patrulha, a «aranha», esconde-se na teia. A outra patrulha, a «mosca» sai 15 minutos depois à procura da «aranha».

Cada patrulha está acompanhada de um árbitro. O jogo consiste na «mosca» descobrir o esconderijo da «aranha» durante um espaço de tempo prèviamente estabelecido.

Marca pontos a «mosca» por cada escoteiro da «aranha» que vê, e «aranha» marca pontos por cada escoteiro da «mosca» que vê sem ser vista.

■

Insígnias de capacidade

Prático Florestal

Para escoteiros com mais de 15 anos. Não fiá insignia correspondente para menos de 15 anos de idade.

1 — Ser capaz de identificar, no Verão e no Inverno, 20 variedades de árvores. Conhecer os seus usos como lenha e madeira e poder reconhecê-las a distância.

2 — Ter um conhecimento geral da estrutura de uma árvore e de como ela se alimenta, respira e desenvolve.

3—Saber os perigos a que, tanto as árvores como as madeiras, estão expostas, por exemplo: fogo, neve, insectos, doença e animais. Discutir os métodos de combate a estes perigos.

4—Preparar o terreno e sucessivamente transplantar uma árvore jovem (não um arbusto). Conhecer como tratar ferimentos de árvores em crescimento.

5—Saber como seleccionar um machado, nomear as suas partes, como tratar dele, e as regras de segurança do lenhador.

6 — Saber como usar um machado de lenhador. Use uma serra para cortar de través e cunhas.

7 — Demonstre os princípios gerais do lenhador, podador, mateiro, transporte e empilhamento de madeiras, e calcule a quantidade de madeira útil numa árvore.

Nações que estiveram no "Jamboree,,
e respectivo número de escoteiros

Adem	25
África Equatorial Francesa	16
África Oriental Francesa	24
África do Sul	1
Argélia	845
Argentina	3
Arménia	122
Austrália	12
Áustria	175
Barbados	1
Bélgica	1.333
Bermudas	2
Burma	5
Camarões	18
Canadá	37
Ceilão	18
Chile	1
China	2
Cuba	14
Chipre	26
Checoslováquia	484
Dinamarca	298
Estados Unidos da América	1.206
Egipto	56
Filipinas	35
Finlândia	25
França	10.000
Gibraltar	28
Grã-Bretanha	5.330
Grécia	36
Guadalupe	18
Guiana britânica	16
» francesa	12
Guiné francesa	12
Haiti	16
Holanda	724
Hong Kong	1
Hungria	201
Índia e Paquistão	150
Índia holandesa	20
Indochina	36
Irlanda	35
Itália	191
Jamaica	1
Líbano	82
Listenstaina	22
Luxemburgo	337
Madagascar	9
Malta	41
Martinica	25
Marrocos	286
Mauritânia	12
México	25
Nicarágua	1
Nigéria	4
Noruega	153
Nova Caledónia	10
Nova Zelândia	232
Palestina	7
Peru	2
Portugal	13
Quénia	1
Rodésia	3
Suécia	310
Suíça	427
Trindade	2
Tunísia	230
Total	24.150

Neste número não estão incluídos os 6.000 seniores e 1.200 Chefes e Guias (escoteiras) que serviram no «Jamboree», bem como os chefes no campo de visitantes e imprensa, nem os escoteiros franceses do campo de passagem.

Da Revista «*Jamboree*»,

O «SEMPRE PRONTO»

VENDE-SE EM LISBOA

Na Tabacaria do Café Suíço, R. Primeiro de Dezembro.
Na Tabacaria Boa-Hora, R. Nova do Almada, 64.
Na Bolsa Cultural, Largo do Calvário, 25 e 26.

CAMPISMO

Conforme publicámos no número passado, foi recebida na nossa Redacção uma carta da Federação Portuguesa de Campismo a que nos cabe agora responder.

Antes, porém, impõem-se alguns esclarecimentos, pois é contra nossa vontade manter querelas com «este» ou «aquele».

Quando fundámos a Secção de Campismo no «*Sempre Pronto*», uma ideia nos dominou, quanto à maneira de trabalhar: a imparcialidade de opinião, embora pessoalmente tenhamos uma muito nossa... Quando participámos aos agrupamentos campistas o acolhimento que a todos dispensávamos, não olhámos a opiniões de uns ou outros. E a F. P. C. sabe-o muito bem, uma vez que também recebeu da nossa parte a mesma comunicação. Portanto, aqui fica explicado que na Secção Campismo do «*Sempre Pronto*» não servimos partidarismos nem nela fazemos eco do nosso.

E entremos na carta.

Quiséramos rebater, uma a uma, as afirmações interessantíssimas da carta, todavia, o racionamento do espaço impõe-nos, em vez disso, que passemos por cima delas, deixando a verdade dos factos ao raciocínio dos nossos leitores. Se os dirigentes da Federação tivessem lido com atenção a local que pretendem refutar, teriam reparado que nos fazíamos eco de opiniões escutadas a alguns dirigentes de agrupamentos campistas. E foi obedecendo ao mesmo critério que buscámos sòmente a opinião de um grupo e uma secção campista sobre este assunto. São eles:

GRUPO EX. ESTRELA: *O motivo principal de não nos termos imediatamente filiado, foi o facto de que se o tivéssemos feito, necessitaríamos de pagar a essa Federação, mais do que recebemos dos nossos associados.*

SECÇÃO CAMPISTA DO GRUPO «OS CARLOS»: *Não nos filiámos na F. P. C. sob pena de extinguirmos a nossa Secção, em vista do dispêndio exagerado de cotização a que nos forçam.*

Chega? Ou ainda não vão estas opiniões ao encontro das «exigências incompatíveis e inúteis» com que a Federação se incomodou? E devemos notar que só estes dois agrupamentos totalizam quase tantos campistas como os 32 agrupamentos que se filiaram.

Não queremos nem achamos necessário mais comentários.

Fica desta forma esclarecida a Comissão Administrativa da Federação Portuguesa de Campismo, pois, pessoalmente, como muitos outros VERDADEIROS campistas, teríamos muito para lhes dizer, todavia fundámos aqui uma Secção para fazer propaganda e não nos parece que o melhor processo seja a polémica.

CARLOS FERNANDO GARCIA

O Ateneu Comercial de Lisboa e o Campismo

O Ateneu Comercial de Lisboa vai realizar em Dezembro próximo a II Exposição Fotográfica de Campismo que, a exemplo do ano passado, abrangerá: Campismo Pedestre, Ciclo-Campismo, Ciclo-Turismo, Canoagem, Montanhismo, Esqui, Pesca Desportiva, Vela e Paisagem.

A inscrição para este certame é livre e gratuita, devendo os originais ser entregues até 30 do corrente na secretaria desportiva do Ateneu.

• • o • •

Exposição de fotografias escotistas

Comunica-nos o Grupo n.º 5 que a exposição de fotografias que está organizando e que inicialmente era para ser feita na sede do Associação dos Escoteiros de Portugal, será efectuada nas salas do Grupo Desportivo dos Tabacos em virtude daquela sede não comportar o grande número de originais que conta expor.

Aquele Grupo resolveu ainda aceitar a colaboração de um grupo de irmãos-escoteiros espanhóis que enviou cinco interessantes fotografias de actividades realizadas antes da suspensão do Movimento.

Em virtude da mudança de local da Exposição, esta será efectuada em data a fixar brevemente.

• • o • •

PUBLICAÇÕES

Recebemos da Confederação Brasileira dos Escoteiros de Terra dois exemplares dos seus Estatutos e dois exemplares do Plano de Uniformes. Muito agradecemos as ofertas e as gentis dedicatórias.

Boletim de Pesca

Recebemos e agradecemos o n.º 16 referente a Setembro desta interessante revista, como sempre repleta de artigos de interesse não só para os profissionais de pesca, mas também para todos os estudiosos, visto inserir trabalhos de valor cultural.

Exposição de fotografias e recordações do "Jamboree,,

A exposição de fotografias e recordações do «Jamboree», iniciativa do nosso jornal com a colaboração de diversos elementos de ambas as associações escotistas que estiveram em França, do Sr. Adido da Imprensa da Legação de França e das casas de artigos fotográficos Agência Fotográfica, Roiz. L.da, Garcez, L.da. e J. C. Alvarez, L.da, será inaugurada no sábado, dia 22 do corrente, às 21,30 horas, nas salas do Ateneu Comercial de Lisboa, mais uma vez gentilmente cedidas ao nosso jornal.

A respectiva Comissão Organizadora não se tem poupado a esforços, pelo que a Exposição promete ser um bom documentário da grande reunião de juventude que em França se realizou.

No acto da inauguração o Sr. Dr. Leopoldo de Figueiredo, que esteve no «Jamboree» como visitante oficial, dissertará acerca do acontecimento.

O «*Sempre Pronto*» convida todos os seus estimados assinantes e amigos a comparecerem no Ateneu, no sábado, dia 22 do corrente, às 21,30 horas.

A Exposição poderá ser visitada no domingo, dia 23, das 15 às 19 horas.

O "Sempre Pronto,, no Brasil

Uma carta honrosa

Da Directoria da *Confederação Brasileira dos Escoteiros de Terra*, recebemos o ofício que abaixo transcrevemos, subscrito pelo seu ilustre Secretário Geral, Sr. Dr. Conegundes Moreira, em que nos expressa o seu muito apreço pela acção do «*Sempre Pronto*», em palavras generosas, que nos sensibilizam, por provirem de uma entidade tão prestigiosa.

Todos os que trabalham no «*Sempre Pronto*» saudam na pessoa do Sr. Capitão Hugo Manhães Bethlem, a ilustre Directoria da Confederação Brasileira dos Escoteiros de Terra, agradecendo reconhecidamente tão simpática manifestação e retribuindo os votos de prosperidades e triunfo ao florescente Escotismo Brasileiro.

OFÍCIO N.º 222/47

Brasil—DF—Rio de Janeiro, 15 de Setembro de 1947
Ao Corpo Redactorial do «Sempre Pronto».

Em cumprimento às determinações do nosso Presidente, Capitão Hugo Manhães Bethlem, temos o grande prazer de comunicar-lhe o recebimento, por intermédio do Chefe David M. de Barros, dos exemplares números 25, 26 e 27 do interessante jornal «SEMPRE PRONTO», editado pelo Círculo Fraternal de Cooperação Escotista, nesse país irmão, os quais foram lidos e bem apreciados pelos dirigentes desta Confederação.

Através deles podemos avaliar a nobre missão que esse periódico vem realizando, no campo jornalístico, dessa terra lusitana, em prol do Movimento Escoteiro Português, e do intercâmbio entre chefes e escotistas do nosso país, que não são, para nós, apenas o estímulo ou uma alta e eloquente afirmação de reconfiecimento que este jornal realiza, mas, sobretudo, um motivo muito legítimo de orgulho.

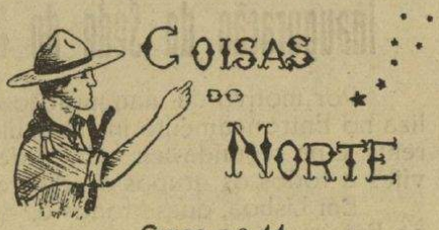
De feição gráfica agradável, noticioso e ardoroso, movimentando sádias iniciativas e reportagens de interesses escoteiros de todo o mundo e, ainda, divulgando ou defendendo princípios da doutrina badênica—SEMPRE PRONTO—vem conquistando uma posição sólida na imprensa portuguesa, graças à orientação que lhe imprime Eduardo Ribeiro, Capitolino Ferreira Macedo e Joel Ribeiro, seus dirigentes. Escotistas de acção e inteligência, chefes experimentados e de valor, podem orgulhar-se da obra que vêm realizando.

Reiterando os nossos melhores agradecimentos, juntamos, outrossim, nossos votos de prosperidade e triunfo, muito amigos e sinceros.

Sempre Alerta!

Pela Directoria da Confederação Brasileira dos Escoteiros de Terra

DR. CONEGUNDES MOREIRA
Secretário Geral



Grupo n.º 44

Escreve-nos o nosso irmão-escoteiro Belarmino Rodrigues Vidal, informando que voltou à actividade escotista, tendo reingressado no Grupo 44, pelo que saúda todos os seus camaradas.

Grupo n.º 140 do C. N. E.—Avintes

Em 26 de Outubro findo, este grupo comemorou brilhantemente a sua reorganização com uma sessão a que presidiu o Rev. Sr. Querubim de Sousa. Fez parte da mesa o nosso camarada Vidal dos Santos, Chefe do Grupo n.º 15 da A. E. P., que usou da palavra referindo-se às finalidades do Escotismo e desejando felicidades ao Grupo n.º 140 do Corpo Nacional de Escutas.

A obra do Infante

Em meio duma corte aflamengada,
ele usa ainda o chapeirão braguês;
mas ninguém tem visão tão arrojada
como este glorioso português.

Os Mares Tenebrosos não são nada
na sua mente forte; e de uma vez
responde ao Cabo Não com voz irada
de quem sabe o que quer e o que já fez.

Fora a Ceuta e rompera seus adarves
com o pai e os irmãos; e esses «Algarves
de Aquém e Além-mar» se compuseram.

Enviara à Madeira e aos Açores,
e à Guiné dera mestres e senhores
que um novo e grande Portugal fizeram!

EDUARDO MOREIRA

Do «*Raio de Sol*»

N.º 2 — Novembro de 1947

O Mistério da Ilha Deserta

Folhetim do «Sempre Pronto» — Por R. K. E.

A Patrulha em acção

E pronto, aqueles dez rapazes, cheios de vida e alegria, levantaram-se, após a que o Guia inicia um grito, o grito da patrulha, a que todos correspondem, imitando com certa facilidade o rugir do Tigre.

E pudéssemos nós acompanhá-los durante aquela semana que veríamos a azáfama que cada um punha na execução da tarefa que lhe incumbia. Por isso, na praia, o Pedro e o Carlos deram voltas ao barco do Grupo, que foi baldeado, calafetado e pintado, enquanto o Raul corria à mercearia a fazer compras que ia arrecadando na sede, onde o Luís e o Júlio davam voltas à tenda, consertando esticadores e reparando um ou outro rasgão, e o Manuel vistoriava lanternas e outro material de campo, de que ia tomando nota num livro de capa artisticamente decorada.

Seria interessante se pudéssemos seguir o Guia, o José, ouvir a longa conversa que teve com o Chefe, a quem expôs um bem elaborado plano de campo, onde não faltavam «cróquis», orçamentos e projectos. O Chefe ouviu com atenção e só depois de fazer algumas perguntas autorizou a actividade, mas recomendando ao José que visitasse a família de cada rapaz, assegurando-se da permissão para que cada escoteiro pudesse acampar e dando todas as explicações e esclarecimentos necessários. O Guia assim fez e justo é dizer que a tarefa era bem difícil, visto que as mães, especialmente, tinham um certo receio da viagem pelo mar. Todavia o José soube tranquilizar todas e a sua maneira correcta de falar e expor os seus planos inspiraram uma certa confiança nas famílias, que viam naquele rapaz o companheiro ideal para os seus filhos.

Na sexta-feira, já tarde, cerca das 10 horas da noite, toda a patrulha estava de novo reunida na sede, só o José não tinha aparecido ainda, o que começava a fazer impacientar os sete rapazes, pois a sua ausência era para eles sintoma evidente de que alguma dificuldade tinha surgido. Porém, quando o Sub-guia desanimado ia propor que cada um voltasse para casa, ouve-se à porta da sede o grito da patrulha a que todos correspondem com entusiasmo. Era o Guia que chegava pressuroso.

—Desculpem, mas o Chefe achou necessário que se visitasse a família de cada um de vocês e essas entrevistas demoraram um pouco, mas mereceu a pena.

— Ainda bem, Guia,—diz o Carlos, o mais novo escoteiro da patrulha, que ainda só tinha as provas de pata-tenra*—porque a minha mãe estava com receio de me deixar ir.*

—Estão todos autorizados,—confirma o Guia, com ar vitorioso.

A alegria estava estampada nas feições de cada rapaz e as palavras proferidas pareciam vir impregnadas dum optimismo contagioso, dum fluido de amizade, dum entusiasmo comunicativo que a todos agregava.

O Guia, sempre escutado como um verdadeiro irmão mais velho, inteirou-se de que os preparativos para o acampamento estavam em ordem, inspeccionou com atenção o material, fez algumas perguntas e exclamou:—«Rapaziada! são horas de recolhermos às nossas casas. Amanhã, às 6 horas da manhã, aqui estaremos todos, bem dispostos. Boa noite!»

A viagem

Sábado, quando as 6 horas da manhã se aproximavam, os membros da Patrulha Tigre vinham surgindo de todos os cantos. Quando as 6 badaladas soaram no relógio da torre surgiu o Guia. Trocaram-se as habituais saudações e não havia tempo para perder. Cada um pegou em seu fardo e transpôs a curta distância que separava a sede da praia. Voltaram atrás transportaram mais alguns fardos e eis que todo o equipamento se encontrava agora na areia, onde o barco estava pronto para a viagem.

CONTINUA

Inauguração da Sede do Grupo n.º 84 do Entroncamento

Por motivo da inauguração da sua nova sede, o Grupo n.º 84 realiza no Entroncamento interessantes festejos no domingo, dia 30 do corrente, e na segunda-feira, dia 1 de Dezembro, para os quais enviou convites a todos os grupos de escoteiros.

Em Lisboa, quase todos os grupos pretendem enviar representações ao Entroncamento e muitos escoteiros desejam aproveitar esta oportunidade para fazer uma visita aos simpáticos camaradas do «84». A partida de Lisboa efectua-se no domingo, às 6,50 horas da manhã, da Estação do Rossio. O regresso faz-se na segunda-feira às 19 horas no Entroncamento.

O Grupo n.º 84 prepara activamente o programa das comemorações, do qual consta:

Dia 30—Às 9,30 horas: recepção aos escoteiros visitantes, representantes do jornal «*Sempre Pronto*», antigos escoteiros e outros amigos;
Às 15 horas: festa desportiva e «ginkana» de bicicletas;
Às 20,30 horas: Fogo de Conselho com a apresentação da «Orquesta Flor de Lis» do Grupo 84; variedades pelo Grugo Cénico do 84 com a colaboração do Grupo 94; canções pelos grupos visitantes.
Às 24 horas: chá de confraternização.
Dia 1—De manhã: alvorada em comemoração do aniversário do dia da Restauração, percorrendo a Banda do Grupo as ruas da vila. Içar da bandeira nacional no edifício da Câmara e da bandeira associativa na Sede.
Às 12 horas: almoço de confraternização inter-escoteiros;
Às 13,30 horas: concentração dos escoteiros e colectividades locais com os seus estandartes, desfile até aos Paços do Concelho e cumprimentos às autoridades civis;
Às 15 horas: inauguração da sede, sessão solene, terminando com a distribuição de insígnias a escoteiros e de prémios aos contemplados do concurso do «*Sempre Pronto*» de 1946;
Às 19 horas: encerramento dos festejos e despedida na estação do C. F. a todos os visitantes.

Pelo programa que acabamos de transcrever se verifica que os nossos irmãos-escoteiros do Entroncamento estão contando com os seus camaradas de Lisboa. Estamos certos que todos saberemos corresponder à simpatia dos rapazes do «84». Além do comboio indicado para a partida, há outros no domingo e segunda-feira que também podem ser utilizados.

"Seton e o Escotismo,,

Do Sr. Major Léo Borges Fortes, prestigioso dirigente do escotismo brasileiro, autor do artigo "Seton e o Escotismo„ que publicámos nos n.os 25/26 do nosso jornal, recebemos a seguinte amável carta:

Campo Grande, Estado de Mato Grosso — Brasil, 25/Set./47

Prezados Amigos e Irmãos Escoteiros

Sempre Alerta!

No N.º 25/26 do «SEMPRE PRONTO», gentilmente enviado pelo nosso amigo e vosso representante **David de Barros**, *deparei, com grande satisfação, com a transcrição do meu artigo "Seton e o Escotismo„.*

Não pude assim furtar-me a um duplo prazer: o primeiro, o de transmitir-vos meus agradecimentos pela honra de vê-lo publicado em vosso mensário; o segundo, o de poder enviar-vos minhas saudações de pleno planalto matogrossense, no coração do Brasil, na zona outrora desbravada e palmilhada por nossos comuns ancestrais. Recebei, com nosso abraço, os votos de

Sucesso e boas actividades

LÉO BORGES FORTES

Não tem o nosso ilustre irmão-escoteiro que nos agradecer. Nós é que estamos muito reconhecidos pelo seu tão oportuno trabalho, cujos esclarecimentos apreciámos.

Retribuímos as saudações com votos de *boa caça*.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Secção Charadista

Por JOSÉ SEQUEIRA

CHARADAS

Eléctricas

1 Houve uma *questão judicial*, com o *magistrado municipal duma cidade*. 2

2 Uma *lasca* de vidro feriu uma *pessoa estúpida e grosseira*. 3

Combinada

3 +bola = planta bolbosa
+ga = onda
+er = causar dor

conceito—*saciado*

Jola—Lisboa

Maçada Geográfica

4 LUA VAGA

conceito—*Terra portuguesa*

J. Balsa—Cacém

Soluções do número anterior

1—esperto. 2—casaco-caco. 3—fado. 4—Rio de Mouro.

Aguardam-se as soluções

Enviaram-nos as soluções dos problemas do número anterior os escoteiros António Faustino e José Trindade do Grupo 53.

